

No geral, o termo oportunidade pode ser entendido de diversas formas e nos mais diferentes contextos, quase sempre remetendo à circunstância favorável ou propícia para fazer algo. O caso é que, no mundo real, é muito difícil agir na hora e no momento certo. Afinal, como se antecipar a uma histórica retração do mercado de ações ou a um engavetamento de veículos? Em teoria é possível. Mas, na prática, exceto raras exceções, é pouco provável. Mesmo sendo impossível agir sempre oportunamente para as coisas do cotidiano, há inúmeras maneiras de se antecipar a problemas de maior escala ou com maiores consequências para a sociedade. Os exemplos vão desde coisas simples como um semáforo num importante cruzamento, até sistemas de alerta complexos que podem antecipar a ocorrência de Tsunamis ou furacões com horas ou dias de antecedência.

Em Saúde Coletiva, não pode ser diferente, oportunidade é algo vital. Seja para controlar a pressão arterial de maiores de 50 anos e com isso prevenir um “ataque cardíaco”, ou ainda, para vacinar crianças, idosos e gestantes e com isso, novamente, evitar adoecimento, mortes e gastos desnecessários.

Mas, o que isso tem a ver com a PANDEMIA de COVID-19? Tudo!

Vamos a alguns acontecimentos recentes. No dia 31 de dezembro de 2019, a China comunicou à Organização Mundial da Saúde (OMS) o surto por um até então “desconhecido” agente viral (SARS-COV-2). O mundo parecia descrente com o potencial do novo coronavírus e não apostou na sua capacidade avassaladora, mesmo depois que a OMS decretou emergência sanitária global, em 30 de janeiro de 2020. Por motivos difíceis de entender, a OMS só sacramentou a PANDEMIA em 11 de março. EUA, Itália e Espanha, perderam a oportunidade de reconhecerem a gravidade do problema e, atualmente, respondem por aproximadamente 42% dos casos confirmados e por quase 60% das mortes no mundo, sendo que só a Itália já tem quase 3 vezes mais mortos por coronavírus do que a China, com uma população quase 25 vezes maior.

No Brasil, talvez tenhamos falhado por não alocarmos recursos financeiros, recrutarmos/qualificarmos trabalhadores de saúde, por não provermos infra-estrutura, hospitalar e, principalmente, de vigilância em saúde/laboratorial oportunamente, de forma a estarmos mais bem preparados para o cenário ainda mais assustador que se aproxima. O Brasil é enorme e a epidemia se manifestará em diferentes velocidades e

durações, a depender do contexto. No entanto, nem tudo está perdido, pois a mesma China que sofreu por quase 60 dias para desacelerar drasticamente o surgimento de casos novos de COVID-19, oferece lições ao mundo a este respeito. Talvez, a mais importante seja o bem sucedido (até aqui) isolamento comunitário em massa, seguido por ampla testagem da população e pela identificação de potenciais casos fora das unidades de saúde, como mostrou ao mundo a experiência sul-coreana.

Ainda há tempo. Podemos estimar casos e oferecer alternativas para lidar com o problema mediante consultas online com médicos e enfermeiros treinados, por exemplo.

Podemos ser mais rigorosos com os fluxos populacionais em aeroportos e outros meios de transporte, aderir ao diagnóstico clínico-epidemiológico de casos, na ausência de testes precisos e de fácil aquisição/operacionalização, buscando alternativas criativas para enfrentar o problema, como os atendimentos via Drive-Thru na Coreia do Sul.

No caso do Brasil, temos um grande aliado, o Sistema Único de Saúde (SUS).

Não só por sua enorme capilaridade hospitalar, mas também, e sobretudo, pelas milhares de equipes de Saúde da Família, espalhadas em praticamente todo o território nacional e pela estrutura de vigilância em saúde, apesar dos dramáticos cortes impostos ao orçamento da saúde nos últimos anos, em função do teto de gastos, que resultou na perda de mais de R\$ 20 bilhões, desde 2016.

Para finalizar, é necessário ressaltar que não é o momento de disputas políticas e ideológicas. Temos sim é que reagir e lutar para evitar um cenário ainda mais sombrio. Mas, sob a regência das experiências positivas no enfrentamento do coronavírus e mostrando a nós mesmos e ao mundo que, unidos, podemos sim pôr em prática nossa ampla capacidade de adaptação e de restauração diante da PANDEMIA que assola a humanidade, que põe a prova nossos valores éticos e nosso compromisso com, quem sabe, um amanhã menos atrelado à saúde financeira global e mais comprometido com a saúde da terra e da humanidade! Por isso, investir em pesquisa nas mais diferentes áreas, no SUS e desenvolver nossa capacidade de resiliência pode ser a chave para aprendermos a lidar com esse mundo em franco e irreversível processo de transformação. Fique em casa, pois a duração da epidemia pode aumentar e matar ainda mais gente, caso voltemos a um padrão de mobilidade e interação social parecido ao de fevereiro deste ano.